

As voltas que a vida me deu

Sumário

O menino que acreditava em sorteio	2
A irmã de ninguém	4
O rapaz que colecionava segundas chances	5
A moça que queria um futuro pontual.....	6
O carteiro que entregava desculpas	7
O vizinho e o apagão.....	12
O vizinho que sonhava em mudar o mundo e esqueceu de mudar a roupa...	14
O homem que prometeu recomeçar (e começou pela mesma esquina)	15
O homem que voltou pra se despedir	17
O homem que ensinava o tempo a passar.....	19
O registro póstumo.....	21
As voltas continuam	22
Nota final.....	23

O menino que acreditava em sorteio

Raul tinha doze anos quando aprendeu que esperança também vence por WO. Naquele verão de 1990, o calor subia do asfalto do Morro da Providência e grudava no corpo como castigo. A padaria da esquina — a única com ventilador — resolveu fazer um sorteio: “Compre um pão, concorra a uma bicicleta Monark.”

Raul passou o mês inteiro sonhando com aquela bicicleta. Azul-marinho, com guidão cromado e pneus novos. Imaginava descendo o morro, o vento no rosto, o mundo finalmente de costas para ele. Guardava moedas, comprava pão que nem precisava, tudo para ganhar mais um cupom.

Dobrava com cuidado, escrevia o nome em letra caprichada e colocava na urna de plástico.

A mãe ria:

— Menino, sorte é coisa de quem já tem o que comer.

Ele respondia:

— Então deixa eu tentar pelo menos parecer sortudo.

No dia do sorteio, o morro inteiro se juntou na frente da padaria.

O dono, seu Nivaldo, suando dentro do avental, girou a urna e tirou um papel.

Leu alto:

— Parabéns, Gustavo Nivaldo da Silva!

Raul demorou a entender.

O sobrenome soava familiar — era o filho do dono, o menino que nunca descia pra brincar.

Todo mundo aplaudiu por educação, e Raul ficou ali, segurando o resto de pão duro na mão.

Naquela noite, não jantou.

Se deitou na cama quente, olhando o teto, ouvindo os tiros distantes.

Pensou que talvez Deus tivesse trocado os nomes, ou esquecido o CEP dele.

Mas no fundo já sabia: o sorteio era só mais uma das brincadeiras que o mundo fazia às custas dos que esperavam demais.

Semanas depois, viu a tal Monark jogada no beco, com o pneu furado e o banco rasgado.

Gustavo tinha enjoado do brinquedo novo.

Raul passou a mão no guidão, sentiu o metal frio, e por um instante achou que aquilo ainda podia ser dele.

Mas a mãe apareceu na janela e gritou:

— Larga isso, menino, que não é teu.

Ele obedeceu.

Subiu de volta pro quarto, suando, com o coração batendo rápido.

Se deitou e prometeu pra si mesmo:

um dia ainda ia ter algo que ninguém pudesse tirar.

Não sabia o quê, mas jurou.

Anos depois, lembraria daquela bicicleta toda vez que o mundo lhe negasse qualquer coisa — e o riso viria fácil, aquele riso cansado de quem já sabe o resultado antes do sorteio.

A irmã de ninguém

Ninguém sabia ao certo quando Joana sumiu.
Foi entre uma tarde quente e uma noite sem luz, dessas em que o morro parece prender o ar pra não chamar atenção da cidade lá embaixo.
No começo, acharam que tinha ido visitar a tia em Madureira.
Depois, que fugira com algum homem.
Por fim, entenderam que ela simplesmente não voltaria.

Tinha quinze anos, sorriso debochado e uma cicatriz na perna que ela dizia ser marca de destino.
Era filha da dona Odete, lavadeira, e de um pai que ninguém via desde o carnaval de 1988.
Vivia pelas escadas, vendendo bala, cantando música de rádio, rindo alto demais pro tamanho da vida que tinha.

Joana era dessas que faziam o morro parecer mais vivo.
Quando ela passava, os homens diminuía o tom, as mulheres fingiam reprovar, e as crianças corriam atrás do rastro de perfume barato que ela deixava.
Era o tipo de beleza que irrita e consola ao mesmo tempo.

Naquela noite, Raul — com seus treze anos e os joelhos sempre ralados — ainda a viu descendo a viela, com um vestido claro e uma bolsa de pano no ombro.
Perguntou pra onde ia.
Ela respondeu sem parar de andar:
— Pra um lugar onde ninguém me chame pelo sobrenome.

Ninguém mais a viu.

No dia seguinte, a mãe dela espalhou santinhos com a foto de Joana tirada num estúdio barato da Central.
A expressão na foto era séria, quase adulta, como se ela já soubesse que seria lembrada assim: em preto e branco, entre cartazes de candidatos que também desapareceriam logo depois.

Com o tempo, o nome de Joana foi virando boato.
Um dizia que estava em São Paulo, outro que virou dançarina, outro que a polícia pegou por engano.
No morro, toda ausência precisa de uma história, mesmo que inventada.
É o jeito de manter o fantasma ocupado.

Raul, que ainda acreditava que as coisas tinham lógica, passou meses olhando os ônibus descerem e subirem o viaduto, imaginando se algum deles carregava a Joana.
Às vezes achava que ouvia a risada dela nos becos.

Outras, sonhava que ela voltava com um sapato novo e um olhar de quem já tinha visto demais.

Anos depois, quando a mãe de Joana morreu, o povo juntou dinheiro pra enterrar. No caixão, alguém deixou uma fita de cabelo azul — igual à que ela usava no dia em que sumiu.

Ninguém confessou quem colocou.

De tempos em tempos, alguém jura tê-la visto em alguma esquina do Centro, com outra roupa, outro nome.

Mas o morro já aprendeu: certas pessoas não voltam.

Ficam suspensas entre o que foram e o que o mundo inventou delas.

Raul cresceu e parou de procurar, mas cada vez que uma menina desaparecia, lembrava de Joana.

Talvez fosse culpa, talvez saudade.

Ou só o pressentimento de quem sabe que um dia também vai sumir — e o mundo vai continuar inventando histórias pra explicar.

O rapaz que colecionava segundas chances

Raul nasceu e cresceu no Morro da Providência, entre becos que pareciam espirais e telhados que rangiam quando ventava. Aprendeu cedo que o mundo não ia esperar ele entender as regras. Aos quinze, já conhecia o peso de promessas quebradas — as próprias e as dos outros.

A primeira “segunda chance” veio quando escapou de um furto malfeito. A segunda, quando o patrão da oficina decidiu fingir que não viu o troco sumir. A terceira, quando a mãe disse que ainda dava tempo de voltar pra escola — mas ele não voltou.

Raul colecionava recomeços sem convicção. Era uma mistura de sobrevivência e teimosia. Não acreditava em destino, só em impulso. Ouvia da janela os tiros distantes, os cachorros latindo, o vizinho brigando por nada, e pensava que todo mundo ali vivia de tentativa — uns tentando sair, outros tentando ficar.

Nunca foi herói nem vítima. Vivia no intervalo entre o erro e o arrependimento, achando graça do próprio azar. Às vezes dizia que a vida dele era um samba mal ensaiado: sempre com o mesmo refrão, mas nunca no mesmo tom.

Quando perguntavam o que queria da vida, respondia “só não repetir a última parte”. Nunca conseguiu, claro. Raul era bom em começar — o resto, deixava pra sorte.

O narrador encerra o conto assim:

Raul não queria vencer, só continuar. Talvez a vitória fosse isso — seguir, mesmo quando não há mais aonde ir.

A moça que queria um futuro pontual

Nasci atrasada. Mãe dizia que até para o parto demorei mais do que devia. Cresci ouvindo buzina, panela, vizinho brigando e o rádio de pilha do Seu Genésio na esquina do Morro da Providência. Desde cedo decidi que, se o mundo fosse bagunçado, eu seria o contrário: organizada, pontual, certinha. Eu só não sabia que o destino é péssimo em cumprir horário.

Trabalhei primeiro num salão, lavando cabelo e ouvindo as clientes falando de vidas que pareciam novela. Depois numa loja de calçados, onde aprendi a sorrir pra gente que me olhava como se eu fosse parte do chão. Cada dia, uma promessa: “Ano que vem eu saio daqui. Vou estudar, virar alguém.” O problema é que o ano que vem nunca chegava.

Foi numa dessas tardes sem hora pra acabar que conheci o Raul. Ele apareceu consertando uma motoca velha do lado de fora da loja, camisa suja, sorriso fácil, aquele tipo de homem que parece ter o mundo inteiro nos ombros e ainda assim faz piada. Fiquei olhando. Ele notou. Disse: “Você devia sorrir mais, menina.” Respondi: “E você devia cumprir os horários.” Acho que foi ali que começou — o atraso que mudaria tudo.

Raul não era ruim. Só era do tipo que vive na defensiva, como se o tempo estivesse sempre cobrando uma dívida antiga. A gente se via nas folgas, tomava cerveja quente na

laje de uma amiga, falava de planos que não tinham endereço. Um dia ele me disse que eu era o único futuro que não o assustava. Achei bonito. Hoje acho que ele mentia pra si mesmo.

Quando contei da gravidez, ele empalideceu. Disse que precisava “pensar”. Nunca mais voltou. Fiquei com a barriga crescendo e o relógio parado. Trabalhei até o último mês, sozinha. Mãe cuidava de mim quando podia. O menino nasceu em novembro, num domingo chuvoso. Chamei de Caio — porque “Raul Júnior” soava como herança de dor.

Os anos passaram lentos, mas não ruins. Caio cresceu reto, decente, mais teimoso do que eu. Um dia perguntou pelo pai. Mostrei uma foto antiga, ele quis conhecer. Disse que não valia a pena, mas fui junto. O homem estava velho, cansado, com aquele olhar de quem ainda esperava o que já foi. Falamos pouco. Ele tentava fingir que a ausência não doía. Eu tentava fingir que já tinha perdoado.

No final, Caio disse: “Pai, dá tempo de recomeçar.” E Raul, com aquele meio sorriso triste, respondeu: “Filho, recomeçar é o que a gente faz quando não aprende.”

Hoje moro em Ramos, num prédio onde o elevador vive quebrado. Trabalho de doméstica num apartamento em Copacabana, aquele mesmo bairro onde Raul foi porteiro um dia. Saio cedo, volto tarde, e ainda assim continuo com a mania de olhar pro relógio — como se ele fosse me avisar quando a vida resolver chegar no horário.

Meu filho virou professor. Às vezes ele me pergunta se eu ainda penso em Raul. Digo que não. Minto, claro, mas é uma mentira pequena, daquelas que a gente conta pra dormir.

Se a vida fosse pontual, Raul teria ficado.
Mas ela atrasou, e eu segui sozinha.

O carteiro que entregava desculpas

Anselmo começou a trabalhar nos Correios quando o Rio ainda prometia mais do que cumpria. Aprendeu cedo que carta não é só papel: é gente. Reconhecia a caligrafia dos bairros, o tipo de tinta das saudades, o peso de quem pede perdão. Caminhava leve, mas carregava mundos nos bolsos.

Conheceu Lília numa terça-feira de chuva. Entregou um envelope amassado, endereçado a “Lília S.”, sem remetente, com um coração desenhado no verso. Ela recebeu com a pressa de quem não quer parecer ansiosa, agradeceu com os olhos baixos e entrou. Anselmo desceu a escada devagar, como quem respeita o destino alheio. No fim da rua, sentiu vontade de voltar e avisar que a tinta tinha borrado, que talvez uma palavra ou outra estivesse pela metade. Não voltou.

Na semana seguinte, outra carta. E depois outra. Todas cheias de arrependimento, todas escritas por mãos que sabiam dizer desculpa, mas não sabiam ficar. Às vezes vinham com uma flor prensada, às vezes com um bilhete tão curto que doía. Anselmo foi montando o quebra-cabeça em silêncio: havia um homem chamado Raul, uma história interrompida, um menino crescendo no meio. E havia Lília, firme e cansada, tentando viver entre a memória e a conta do mercado.

Anselmo não tinha o hábito de se apegar, mas a profissão não perdoa sentimental neutro. Um dia, ao entregar mais um envelope pálido, viu que Lília tremeu de leve. Não de raiva. De hábito. Como quem já sabe o que virá. Ele decidiu que não queria ver aquilo mais uma vez.

— Dona Lília... — arriscou, segurando o chapéu, envergonhado da própria voz. — A senhora quer que eu traga as cartas lá de baixo, mesmo quando o porteiro disser que não tem? É que às vezes se perdem, a senhora sabe.

Ela assentiu e sorriu pequeno, um sorriso que não pedia nada. Foi a primeira vez que Anselmo desejou ser menos correto.

Na sexta, a caixa de correspondência veio vazia. Ele ficou parado diante do balcão do posto, com um envelope pardo sem destino na mão, enquanto o ventilador pendurado no teto gritava. Pensou em ir embora. Em casa, o rádio chiava, a louça o esperava, a cama também. Mas, pela primeira vez em anos, escolheu a complicação.

Sentou-se no banco, abriu o envelope pardo, tirou uma folha. Demorou alguns minutos até a letra sair, num traço cuidadoso que imitava a irregularidade do arrependido:

“Lília,
não aprendi a dizer as coisas quando devo. Escrevo para não sumir por completo.
Ass.: R.”

Dobrou, selou, carimbou com o código da própria rota, e caminhou até o prédio de Lília com o coração batendo como carteiro atrasado.

Ela recebeu a carta com aquele mesmo cuidado de sempre. Não percebeu a farsa. Ou percebeu e escolheu acreditar. O que dá no mesmo.

Anselmo dormiu mal naquela noite, assombrado por uma culpa mansa, daquelas que não gritam e, por isso mesmo, pesam mais. No dia seguinte, jurou a si mesmo que seria a primeira e última vez. Não foi. A solidão costuma pedir continuidade.

As cartas de Anselmo-Raul começaram a chegar a cada quinze dias, depois todo mês, às vezes com intervalo maior, para parecerem mais verdade. Eram textos simples: “Como

está o menino?”, “Pensei em você na terça”, “Trabalho tem sido difícil”, “Prometo passar qualquer dia.” Assinava só com a inicial, copiando o gesto do verdadeiro ausente. Era uma mentira benevolente, mas ainda assim mentira. E, como toda mentira bem-intencionada, logo começou a pedir mais de quem a inventou.

Um dia, Lúdia perguntou:

— O senhor conhece o remetente?

Anselmo molhou os lábios, mediu as palavras como quem mede passos em beco escuro.

— Senhora... eu conheço muita gente de longe.

Ela não insistiu. Talvez não quisesse a resposta que estragasse a paz possível.

O tempo passou, como passa em bairros baratos: devagar por fora, depressa por dentro. Caio cresceu, ficou professor, aprendeu a chegar cedo e a ir embora tarde. Lúdia continuou firme, com o corpo magro e o olhar que não negocia com a vergonha. E Anselmo, discreto como chuva fina, virou presença aceita na portaria, no portão, às vezes no corredor. Um dia ele subiu com uma correspondência registrada e, na volta, Lúdia ofereceu café.

Tomaram sentados na cozinha, o azulejo um pouco trincado, o cheiro de sabão neutro e as xícaras desirmanadas. Conversaram de tudo que não importa e, por isso, sustenta: preço do feijão, uma vizinha que se casou, a novela que piorou.

Na despedida, Lúdia disse:

— O senhor é um homem bom, seu Anselmo.

Ele sorriu torto. Não era. Ou não mais.

As cartas cessaram por um tempo. Anselmo achou que o próprio silêncio pudesse curar o que a ficção mantinha vivo. Foi então que encontrou Lúdia sentada no banco da praça, um envelope aberto no colo, as mãos trêmulas.

— Chegou uma carta, seu Anselmo.

Ele engoliu seco.

— De quem?

— De um laboratório. Exame do Caio. — Ela respirou. — Tô feliz.

Ele também ficou. Quase agradeceu a um Deus que não frequentava.

Depois, veio a notícia ruim: Lúdia apareceu no posto de saúde com uma tontura comprida. O médico falou a palavra que as pessoas fingem não ouvir: pressão. Depois outra, ainda pior: risco. Anselmo achou que fosse medo do nome. Era do tempo.

Ele começou a aparecer mais. Não por hábito profissional, mas por espécie de pacto que ninguém propôs. Ia ao mercado, trocava a lâmpada da cozinha, verificava o gás. Levava bolos pequenos embrulhados com zelo, como quem oferece desculpas pelo que não sabe consertar. Lídia aceitava com um sorriso que dava vontade de construir casa em volta.

Numa noite de agosto, Anselmo teve um sonho ruim: Lídia abrindo a porta e perguntando por cartas que não existiam. Acordou com o corpo pesado, o lado esquerdo lento, uma língua estrangeira onde antes morava a sua. Pensou que fosse o rádio chiando. Não era. Sentou-se na cama. Não se levantou.

O vizinho chamou a ambulância. Um AVC é um ladrão educado: entra sem estalo, leva o que quer e não derruba nada. Anselmo foi parar numa enfermaria de hospital público, com mais ruídos do que gente, mais esperas do que horas. Lídia o visitou no segundo dia, com uma sacola de frutas e um olhar que dizia mais que qualquer carta. Ele tentou falar. Saiu um sopro.

Ela segurou a mão dele, quente e teimosa.

— Descansa, seu Anselmo.

Ele quis dizer que não tinha mais cartas para inventar. Quis pedir desculpa por ter brincado com a esperança de uma mulher boa. Quis contar que, se mentiu, foi por não aguentar assistir ao vazio. Conseguiu apenas apertar de volta os dedos dela, como quem devolve um envelope com atraso.

Nos dias seguintes, Lídia ficou. Nenhum hábil discurso, nenhuma cena de novela. Troca de lençol, meia limpa, água na boca seca. Caio também foi, um pouco sem jeito, com respeito de quem entende que aquilo era amor, só que do tipo que não exige reconhecimento.

Anselmo melhorou pouco. A boca tecia frases tortas. A perna arrastava o passado pelo corredor. A enfermeira disse que talvez voltasse para casa com fisioterapia e sorte. Ele sorriu torto: duas palavras estrangeiras para quem tinha vivido de andar e calar.

Na visita de uma sexta, Lídia entrou com um envelope. Era grosso, com borda azul e vermelha de correio antigo.

— Trouxeram isso lá em casa. — Ela se sentou. — É pra mim. Sem remetente.

Anselmo a olhou como se o mundo tivesse lembrado do caminho de volta. Lídia abriu com cuidado. Leu em silêncio. Depois, ergueu os olhos, marejados de uma água que não era tristeza.

— Eu sempre soube, seu Anselmo.

Ele tentou dizer o que nunca se diz: que as cartas eram dele, que as desculpas não tinham dono, que a mentira não manchou, apenas segurou o tempo pelo braço por alguns invernos. O som não saiu. Lídia, então, encostou o envelope no peito dele, leve.

— Obrigada por não me deixar sozinha quando eu estava. — Sorriu de lado. — E me desculpa por ter precisado.

No domingo, Anselmo piorou. A palavra que faltava no cérebro começou a faltar no corpo. O médico falou com frases que não encostam nas pessoas: “evolução desfavorável”, “quadro delicado”. Lídia ficou até o horário limite. Antes de ir, trocou o lençol mais uma vez, ajeitou o travesseiro, passou a mão nos cabelos ralos dele.

— O senhor foi um bom amigo. — Ela disse, com a voz de quem confessa uma fé. — E, se me permite, foi um amor decente.

Anselmo fechou os olhos devagar, como quem guarda um segredo valioso no bolso interno do paletó.

Na terça, ele se foi. O hospital aprendeu o nome dele tarde demais. O corpo seguiu o protocolo, o mundo seguiu seu ritmo rude, e Lídia voltou pra casa com o vazio ensaiando residência. No caminho, do outro lado da rua, um carteiro novo escorregou o peso do saco ao ombro e sorriu para ninguém. Vida que segue a rota.

No final da tarde, Lídia abriu a gaveta onde guardava as cartas. Separou as do verdadeiro Raul, poucas e apressadas, das outras, generosas e sem data clara. Não rasgou nada. Não queimou. Não devolveu. Arrumou em duas pilhas com zelo de quem prepara altar.

Escreveu num papel pequeno, de caderno:

“Para Anselmo,
o homem que entregou as desculpas que o mundo me devia.
Obrigada por ter ficado.”

Dobrou e colocou por cima da pilha maior, a que pesava.

Naquela noite, fez café e tomou sozinha, olhando a janela escura como quem aguarda um barulho conhecido no corredor. Não houve. O rádio tocou Chico Buarque, uma música antiga que Anselmo gostava. Lídia sorriu sem pressa, um sorriso que não precisava servir para ninguém.

Dias depois, a vida voltou ao passo de sempre. Caio seguiu dando aula, a memória de Lídia começou a falhar em cantos onde antes morava certeza. E, de vez em quando, quando o carteiro novo tocava a campainha, ela sentia um susto pequeno no peito, como se esperasse ainda uma carta que faltou. Abria a porta, recebia as contas, agradecia com educação. E guardava tudo numa caixa, no alto do armário, como quem arquiva provas de que o mundo existiu.

Anos mais tarde, quando o corpo de Lídia pesava mais que a vontade, Caio encontrou a caixa. Leu as cartas com o respeito de quem entra numa igreja. Reconheceu a caligrafia falsa e entendeu. Não ficou com raiva. Folheou devagar, sentiu o cheiro do papel envelhecido, ouviu no rádio a voz de Elis, e pensou que algumas mentiras salvam mais que muitas verdades.

No fundo da caixa, um envelope pardo sem selo, endereçado a ninguém. Dentro, um recibo antigo dos Correios com um número de rota e um nome escrito a caneta:

Anselmo. Caio passou o dedo sobre as letras, como quem acaricia um rosto. Depois guardou tudo, fechou a caixa, e a empurrou de volta para o alto.

Na memória de quem ficou, Anselmo virou aquilo que os melhores se tornam: presença. O homem que não precisou de palavra pronta para dizer o essencial. O carteiro que entregou desculpas e, sem querer, ensinou uma mulher a ser perdoada.

Quando o prédio esteve silencioso demais, Lídia às vezes falava sozinha, como se conversasse com ele:

— Chegou carta hoje, seu Anselmo.

E, em algum lugar onde o tempo não cansa, ele respondia com aquela voz de corredor, leve:

— Chegou, dona Lídia. Chegou sim.

O vizinho e o apagão

O professor ainda não era “o vizinho” naquela época.

Chamava-se **Augusto**, e dava aula de História em uma escola estadual de Bonsucesso. Usava sapatos gastos, paletó emprestado e um entusiasmo que nem o tempo, ainda, tinha desgastado.

Era 1999, ano de greves, inflação e apagões elétricos.

O país piscava — luz, salário, esperança — e Augusto acreditava que o escuro era só mais uma fase.

Tinha trinta e poucos anos, uma filha pequena que morava com a ex-mulher em Duque

de Caxias, e o hábito de anotar frases de livros em guardanapos.
Falava muito, mas, na maioria das vezes, com quem não queria ouvir.

Naquela quarta-feira, o colégio ficou sem energia pouco depois do recreio.
Os alunos começaram o coro habitual: “Uh! Uh!”
Ele bateu palmas, pediu calma e tentou dar continuidade à aula:
— A História, meus caros, não depende de luz elétrica!

Riram.
Uma menina respondeu:
— Mas sem luz a gente não cópia nada, professor.
Ele suspirou.
A juventude tinha pressa demais pra aprender ironia.

Enquanto esperavam a energia voltar, a sala foi se enchendo de calor e conversa.
Os professores se reuniram na sala dos fundos, onde o café ainda fumegava no escuro.
Dona Teresa, de português, dizia que a greve não adiantava, que o sindicato não servia pra nada.
Seu Nilo, o de matemática, falava sobre abrir uma barraquinha de churros pra ver se o dinheiro rendia mais.
Augusto, o único ainda de terno, falava de “resistência”, de “educação como trincheira”, de “dignidade no ofício”.

— Dignidade? — Teresa riu. — O senhor acha que dignidade paga a conta de luz?
— Não paga, mas explica por que a gente ainda não desistiu.

Eles riram, não dele, mas da palavra “ainda”.
A verdade é que todos sabiam que estavam pendurados em algo que não sabiam nomear: teimosia, orgulho ou desespero.

Lá fora, o sol começava a se esconder.
Os alunos foram liberados, e o colégio ficou com aquele cheiro de giz e poeira.
Augusto ficou pra fechar a porta.
Caminhou pelos corredores vazios, ouvindo o eco dos próprios passos e a voz distante de Chico Buarque em algum rádio a pilha: *“apesar de você, amanhã há de ser outro dia.”*
Sorriu sozinho.
Ainda acreditava nisso.

Em casa, o apagão continuava.
O bairro inteiro mergulhado em meia-luz.
As pessoas na janela, os vizinhos conversando, as crianças brincando de sombras.
Augusto acendeu uma vela, colocou no parapeito e abriu o caderno.
Escreveu:

“A escuridão é o lugar onde a gente descobre se acredita mesmo na luz.”

Bateu à porta o vizinho de baixo — um rapaz de vinte e poucos anos, pai recente, olhos cansados e camisa manchada de graxa.
Ofereceu vela emprestada e perguntou:

— O senhor acha que isso volta logo?

Augusto respondeu:

— A energia? Talvez. O resto, vai demorar mais um pouco.

O rapaz não entendeu, mas sorriu por educação.

Mais tarde, Augusto subiu na laje pra ver o céu.

A cidade, pela primeira vez em muito tempo, parecia ver estrelas.

As luzes apagadas revelavam o que sempre esteve ali.

Pensou na filha, nas greves, nos alunos, na conta atrasada.

Pensou que, no fundo, ensinar era isso: continuar acendendo fósforo em dia de ventania.

No dia seguinte, a energia voltou.

Os alunos chegaram falando do jogo, do calor, do trânsito.

Ninguém mencionou o apagão.

Augusto, sim.

Escreveu no quadro: *“Quando a luz se apaga, a história acende.”*

Ninguém entendeu.

Mas ele sorriu do mesmo jeito.

O vizinho que sonhava em mudar o mundo e esqueceu de mudar a roupa

Ninguém sabia o nome completo dele. No condomínio, chamavam só de “professor”. Morava no 305, dois andares acima do Caio, e dava aula de História no colégio estadual da rua de trás.

A camisa vermelha do Che já tinha passado por tantas lavagens que o rosto da revolução se desfazia no tecido. Ele usava a mesma todos os dias — por convicção ou por costume, ninguém sabia ao certo.

Dizia que “a educação é a última trincheira da dignidade”. Falava isso no elevador, na feira, no ponto de ônibus. Repetia tanto que parecia um padre recitando o mesmo evangelho pra fiéis cansados.

Lídia, mãe do Caio, o via as vezes em quando ia buscar o filho no portão.
“Aquele ali acredita mesmo que o giz ainda muda o mundo”, comentou certa vez.
Caio riu.
“Pelo menos ele ainda acredita em alguma coisa.”

O professor tinha esse ar de quem ainda esperava um levante popular a qualquer momento. Dava bronca nos alunos, nas notícias, no preço do feijão. Citava Marx no bar e corrigia erros de concordância nas pixações do muro.
Mas à noite, quando o silêncio tomava o prédio, Caio ouvia o rádio do vizinho tocando Chico Buarque.

Os dois se tornaram próximos. Dividiam cerveja quente, frustrações e piadas sobre a vida de professor.
Um dia, Caio perguntou:
“Professor, o senhor ainda acha que dá pra mudar o mundo?”
Ele sorriu com cansaço.
“Não mais o mundo. Mas, com sorte, uma mente de cada vez.”

Nos meses seguintes, o velho começou a faltar às aulas. Dizia que era o coração, mas Caio sabia que o problema era outro — o peso de acreditar sozinho.
Um dia o rádio ficou mudo.

Lídia apareceu com uma marmita e foi ela quem chamou a polícia.
Encontraram o professor sentado na poltrona, a camisa vermelha dobrada sobre o colo, o caderno de anotações aberto na última página.
Tinha escrito: *“A esperança é teimosa, e eu também.”*

No enterro, Caio foi o único do condomínio.
Depois, levou pra casa o caderno e a camisa.
Lídia lavou, dobrou e guardou numa gaveta.
“É melhor deixar quieto, filho. Esse povo que sonha demais acaba esquecendo de viver.”

Caio assentiu, mas à noite vestiu a camisa.
Olhou-se no espelho e pensou que talvez mudar o mundo fosse isso — não deixar o sonho morrer sozinho.

O homem que prometeu recomeçar (e começou pela mesma esquina)

Caio tinha quase quarenta e já sabia de cor o trajeto da escola até o ponto de ônibus. O mesmo caminho, os mesmos rostos, as mesmas paredes grafitadas com esperança vencida.

Todo começo de ano ele dizia a si mesmo que agora sim as coisas seriam diferentes. Talvez um mestrado, talvez uma escola melhor, talvez qualquer coisa que soasse como futuro. Mas a verdade é que ele sempre voltava pro mesmo ponto — literal e simbólico.

O bairro era pequeno demais pra seus sonhos e grande demais pra sua conta bancária. O prédio onde morava ainda carregava o eco do vizinho morto, o professor de História que falava de revoluções entre goles de café requentado.

Caio às vezes achava que o homem não tinha morrido — só tinha se mudado pra dentro de sua consciência.

Naquele janeiro, jurou que recomeçaria. Tinha um plano: juntar dinheiro, mudar de cidade, dar aula em algum interior tranquilo. Mas o aluguel aumentou, a escola atrasou o salário, e a mãe adoeceu.

Lídia já não falava tanto. Passava os dias sentada na varanda, olhando o movimento da rua. Às vezes dizia:

“Você devia pensar em casar-se, Caio. Não dá pra viver só de trabalho e promessa.”

Ele respondia com meio sorriso:

“Mãe, tem gente casada e sozinha do mesmo jeito.”

Às sextas, Caio parava na mesma esquina onde Raul, o pai, costumava beber. Nunca conheceu aquele homem de verdade, mas as histórias que ouviu bastavam.

Certa noite, voltando da escola, encontrou um dos alunos dormindo na calçada.

Sacudiu o menino, perguntou o que tinha acontecido.

“Meu pai me bateu, professor. Mas amanhã vou recomeçar, juro.”

Caio ficou mudo. Depois disse só:

“Então amanhã eu te espero na aula.”

Seguiu andando pensando que o mundo talvez fosse isso — uma sucessão de recomeços que não levam a lugar nenhum, mas ainda assim valem o passo.

No sábado, acordou cedo, vestiu a camisa vermelha que herdara do vizinho.

Olhou-se no espelho e riu da ironia: o rosto cansado, o corpo igual ao do pai, a mente ainda insistindo que o próximo ano seria diferente.

Saiu de casa com um caderno novo e sem destino certo.

Quando deu por si, estava parado na mesma esquina de sempre.

A brisa da manhã trouxe cheiro de pão e lembranças.

Caio respirou fundo, ajeitou a mochila e disse baixinho:

“Dessa vez é pra valer.”

E começou a caminhar — não pra frente nem pra trás, mas em círculo, como todo mundo que promete mudar o mundo começando pela própria sombra.

O homem que voltou pra se despedir

O verão de 2025 foi quente o bastante pra apagar qualquer lembrança boa do Rio.
O calor vinha de dentro das casas, das calçadas, dos corpos.
Lídia respirava com esforço, a mente flutuando entre passado e delírio.
Caio tentava dar aula de manhã e ser enfermeiro à noite.
Dormir virou luxo.

Naquela tarde o interfone tocou.
Do outro lado, uma voz rouca, hesitante:

— É o Raul... pai do Caio.

Ele não ouvia aquele nome há meses.
Abriu a porta, e o tempo entrou junto.
O velho estava menor, a pele cinza, o olhar com culpa suficiente pra duas vidas.

— Fiquei sabendo da sua mãe... — disse, sem fôlego.
Caio deixou que entrasse.
O silêncio entre os dois tinha o peso de todas as palavras que nunca foram ditas.

Lídia, no sofá, o encarou por longos segundos.
Depois de um tempo, perguntou:

— Quem é esse homem na minha sala?

Raul respondeu:
— Sou o que devia ter ficado.

Ela sorriu de leve, como quem reconhece uma lembrança que já não dói.
— Já era hora, Raul.

Não houve choro, nem abraço.
Apenas três pessoas presas dentro do mesmo tempo errado.

Nos dias seguintes, Raul começou a voltar.
Trazia pão, remédio, silêncio.
Fazia o café, varria o chão.
Não dizia o que sentia, mas o gesto dizia o suficiente.
Caio observava tudo com um misto de raiva e ternura — como quem assiste a um milagre pequeno demais pra chamar de perdão.

Às vezes, à noite, o pai contava histórias antigas do morro: amigos mortos, amores perdidos, a vida antes das desistências.

Lídia escutava com um sorriso bobo, sem saber se lembrava ou se inventava.
Caio ouvia e pensava que talvez todo mundo envelheça querendo ser lembrado por algo simples — um café passado certo, uma risada guardada.

Quando a febre dela subiu, Raul ficou ao lado da cama segurando a mão que antes o empurrara pra fora de casa.
Não rezou, não falou.
Só ficou.
E aquele “ficar” era mais inédito que qualquer arrependimento.

Lídia morreu ao amanhecer, no meio de uma música de Elis que o rádio insistia em tocar.
Raul chorou baixo, como quem tem vergonha de sentir.
Caio desligou o som e deixou o silêncio tomar conta.

O enterro foi rápido, quase discreto.
O sol queimava o chão, o coveiro suave, e a terra cobria devagar o pouco que restava do trio.
No fim, pai e filho ficaram sozinhos, encarando o vazio.

— Ela te perdoou — disse Raul.
— Acho que só esqueceu — respondeu Caio.

Voltaram pra casa juntos, e pela primeira vez dividiram o mesmo teto sem rancor.
Nos dias seguintes, Raul passou a dormir no sofá.
Ajudava nas contas, cozinhava mal, contava piadas velhas.
Tentava, enfim, ser o homem que não conseguiu ser antes.
E Caio o deixava tentar, porque não saberia o que fazer com o silêncio completo.

Uma semana depois, o pai acordou antes do sol.
Fez café, escreveu algo no caderno do professor e saiu sem fazer barulho.
Quando Caio acordou, encontrou o bilhete:

“Filho, talvez recomeçar não seja fugir, mas ficar até entender por que tudo doeu.”

Não havia para onde procurar.
Raul sempre foi bom em desaparecer.

Caio ficou sentado um tempo, olhando a caneca morna, o apartamento quieto, o espaço que cada um deixou.
Depois pegou o caderno, guardou o bilhete entre as páginas e saiu.
Andou até a esquina, a mesma de sempre, onde o vento e a lembrança se encontram.

O bar estava fechado.
As ruas, vazias.
O mar, lá longe, parecia fingir indiferença.

Acendeu um cigarro.
O gosto era o mesmo da infância: fumaça e resignação.
Pensou na mãe, no pai, no vizinho morto, na mulher que tentava amar com agenda.

Pensou que todos, de algum modo, tentaram recomeçar — e todos falharam com alguma dignidade.

Escreveu no verso do bilhete:

“As voltas não são castigo. São o único jeito que a vida encontrou de continuar.”

E ficou ali, sentado, enquanto o dia começava de novo, exatamente igual.

O homem que ensinava o tempo a passar

Depois que Lúdia morreu e Raul sumiu de vez, o tempo começou a andar errado dentro da casa.

O relógio da cozinha parou às três e quinze, e Caio nunca teve coragem de trocar a pilha.

A cada vez que passava por ele, dizia baixinho:

— Calma, vai no teu ritmo.

As aulas voltaram, a vida não.

Os alunos pareciam mais inquietos, o pátio mais barulhento, o café da cantina mais ralo.

Ou talvez fosse ele que estivesse diferente — leve demais por fora, gasto demais por dentro.

Pegava o ônibus das seis, olhava o mesmo percurso, as mesmas caras de sono, os mesmos mendigos nos mesmos cantos.

Nada mudava, mas tudo envelhecia.

Aprendeu a não esperar novidade, só repetição com variação de clima.

Na escola, o diretor o recebeu com um abraço constrangido.

— Senti sua falta, Caio.

— Eu também — respondeu, sem dizer de quem.

Na primeira aula, abriu o caderno e escreveu no quadro:

“O tempo é um professor impaciente.”

Um aluno levantou a mão e perguntou:

— Impaciente por quê?

Caio pensou em responder com teoria, mas disse só:

— Porque ele não espera a gente entender.

Nos intervalos, ficava na janela olhando a rua.

O mundo tinha pressa demais pra perceber o quanto estava igual.

Um dia, encontrou um relógio velho jogado no lixo, sem ponteiros.

Levou pra casa, limpou, pendurou na parede e escreveu com caneta: *“Aqui o tempo é convidado.”*

Nunca marcou hora nenhuma, mas enchia o quarto de um silêncio confortável.

De vez em quando, voltava a sonhar com o pai.

Raul aparecia sentado num bar, acenando, mas a voz não saía.

Acordava suado, com cheiro de cigarro que não fumava mais.

No café, olhava o retrato desbotado da mãe e dizia:

— Cê bem que podia me avisar quando isso tudo acabar.

Depois ria, porque já sabia que não ia.

O rádio dela continuava firme, tocando as mesmas músicas de sempre.

Elis, Chico, Milton.

As vozes dos mortos, mais vivas que as dos vivos.

Às vezes ele deixava tocando só pra não ouvir o próprio pensamento.

Um sábado, resolveu reformar o apartamento.

Pintou as paredes, trocou a lâmpada, limpou as gavetas.

Encontrou uma velha caixa de papelão com bilhetes e cartas.

Reconheceu a caligrafia do carteiro, o toque de Lídia, o traço vacilante do pai.

Não leu nenhuma.

Colocou tudo de volta.

O tempo não precisava ser revirado, só respeitado.

Na escola, começou a notar os detalhes que sempre ignorou:

o menino que dormia na última carteira, a menina que escrevia versos no canto da

prova, a professora nova que chorava escondido no banheiro.

Começou a anotar pequenas observações no caderno, uma por dia:

“Hoje o sol entrou pela janela da sala de geografia.”

“O porteiro contou piada ruim e eu ri mesmo assim.”

“O relógio da parede parou, mas a aula terminou igual.”

Era o jeito que encontrou de se lembrar de estar vivo.

Um dia, uma aluna perguntaram:

— Professor, o que é o tempo pra você?

Ele sorriu, pensou em respostas acadêmicas, mas desistiu.

— É o que a gente faz quando não tem mais ninguém pra esperar.

No fim do ano, a escola organizou uma homenagem aos professores antigos.
Chamaram Caio ao palco.
Aplausos mornos, flores de plástico, discursos de manual.
Quando lhe deram o microfone, ele disse apenas:
— Obrigado por me deixarem ensinar enquanto aprendo a passar.

Ninguém entendeu.
Mas ele não falava pra ninguém — falava pro tempo.

Naquela noite, caminhou até a esquina.
O vento soprava leve, o mar respirava ao fundo.
O bar ainda estava ali, o banco de concreto também.
Senta-se, acende um cigarro imaginário e observa.

Um grupo de alunos passa rindo, falando alto.
Um homem vende pipoca.
Uma mulher atravessa a rua com pressa.
Tudo igual.
Tudo vivo.

Caio respira fundo e escreve no caderno:

“O tempo não cura nada.
Ele só espera a gente aprender a conviver com o que ficou.”

Fecha o caderno, olha o céu e murmura:
— Tá vendo, pai?
— Tô ensinando o tempo a passar.

E sorri, sem pressa, enquanto a noite desce — como sempre — no mesmo horário de todos os dias.

O registro póstumo

O telefone tocou numa terça de calor manso, desses dias em que o ar parece esperar alguma coisa.
Caio atendeu com a voz cansada, sem saber que do outro lado o passado respirava.
Era uma mulher da Assistência Social.

— O senhor é parente de Raul Silva?
— Sou.
— Encontramos alguns documentos com esse nome num abrigo da prefeitura. O corpo já foi encaminhado para o Instituto Médico Legal.

Caio ficou em silêncio.
A mulher continuou, com a voz treinada para não se comover:
— Precisamos que alguém venha fazer o reconhecimento.

Ele anotou o endereço num pedaço de papel, desligou e ficou olhando o número até ele perder sentido.

Não chorou, não se apressou.

Tomou banho, vestiu a camisa limpa, pegou o caderno do professor e saiu.

O abrigo ficava em São Cristóvão, um prédio úmido e de paredes cinza.

Um funcionário jovem o levou até a sala fria, sem janelas.

Lá, um corpo coberto por lençol e uma prancheta ao lado.

O rapaz levantou a ponta do tecido.

Caio viu metade de um rosto — barba por fazer, olhos fechados, a mesma expressão cansada de sempre.

Assentiu.

— É ele.

Assinou o papel, entregou de volta e saiu sem olhar de novo.

Do lado de fora, o sol ofuscava tudo.

Ficou parado na calçada, sentindo o calor bater no rosto, e pensou que talvez fosse isso o que o pai queria: sumir devagar, até virar notícia de rodapé no jornal da vida alheia.

Comprou um maço de cigarros, mesmo tendo parado há anos.

Acendeu um, tragou fundo e riu de leve.

O gosto era o mesmo da infância — fumaça e ausência.

Em casa, abriu o caderno e escreveu:

“Meu pai finalmente ficou.

O chão que o levou foi o único lugar onde ele parou.

Nenhum de nós escapa das voltas, mas alguns aprendem a repousar nelas.”

Fechou o caderno, guardou no mesmo lugar do rádio da mãe e apagou a luz.

O relógio da cozinha marcava três e quinze.

Continuava parado — como sempre.

As voltas continuam

Helena chegou no apartamento de Caio numa terça nublada.
Bateu à porta, chamou — nada.
O rádio estava ligado, tocando Elis Regina.
A chaleira no fogão, o caderno aberto na mesa, uma frase no topo:

“Recomeçar é a forma mais educada de fugir.”

O bilhete dizia:

“Helena, o amor sempre me encontrou pronto pra ir.
Não sei ficar, não aprendi a tempo.
Meu pai me deixou esse defeito e talvez eu tenha o aperfeiçoado.
Cuida do que vem aí.
Que ele aprenda o que eu e o velho nunca soubemos.”

Helena encostou a mão na barriga e respirou fundo.
Fechou o caderno, desligou o rádio e olhou pela janela.
O vento soprava quente, igual ao dia em que o conheceu.

Desceu as escadas devagar, cruzou o portão e seguiu pela calçada.
Quando chegou à esquina, parou — a mesma onde Caio sempre parava — e olhou em volta, como se esperasse que ele surgisse.
Nada.

Ajeitou a bolsa no ombro e disse, quase num sussurro:

“Tomara que, dessa vez, o mundo gire pra frente.”

E continuou andando, sem pressa, com o ventre à frente e o passado atrás.

O vento virou.
Um papel cruzou a rua — o bilhete de Caio, levado para longe, mais uma volta completando o círculo.

Nota final

Ninguém recomeça do zero.
A vida só muda o cenário, repete o roteiro e troca os nomes no elenco.
O que a gente chama de destino é só a lembrança tentando se disfarçar de futuro.

E no fim, as voltas não explicam nada — apenas continuam.

Depois do fim

Alguns livros acabam só porque o papel acaba.

Mas o que sobra — o que continua girando por dentro — não cabe em ponto final.

Raul, Lídia, Caio, Anselmo e os outros não foram embora.

Só aprenderam a se esconder nos intervalos do tempo.

Talvez um dia, quando o relógio cochilar, alguém os encontre de novo.

E reconheça neles o que também ficou sem despedida.

Nota do autor

Escrever este livro foi uma forma de conversar com o tempo — e tentar entender o que ele fez comigo e com as pessoas que ficaram pelo caminho.

Cada personagem nasceu de um eco, de alguém que passou rápido demais e deixou um pedaço de silêncio.

Nenhum deles existe de verdade, mas todos carregam verdades que reconheci em rostos anônimos, vozes perdidas e lembranças teimosas.

Se alguma dessas voltas te lembrou da sua, então o livro cumpriu o que devia: ficar, mesmo depois que acaba.

A vida não se explica.

Ela repete.

E, às vezes, escreve.

— C. Jackson

Se você chegou até aqui, obrigado por compartilhar dessas páginas silenciosas. Talvez, nas linhas não ditas, você também tenha escutado algo seu. Que o tempo seja gentil e, ao virar a última folha, reste apenas o desejo de recomeçar — nem que seja uma história dentro do peito.

FIM?